

Redação, Administração Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, n.º 100
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Estereótipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.
— Não se devolvem os originais. — Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2182

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1926

“A Batalha” ataca todos os ladrões da alta finanças

O cambão político-financeiro como não pode tapar-nos a bôca — porque tal violência seria a confirmação absoluta das verdades que revelamos — pretende desvirtuar o sentido moralizador da nossa formidável campanha. A calúnia não nos fará calar. Iremos até ao fim no ataque firme e enérgico à quadrilha da rua dos Capelistas!

Estamos habituados a sentir pulular a intriga e a calúnia em torno de nós. Encaramos-as com serenidade, mas com firmeza. Repelimos-as energicamente — e prosseguimos no cumprimento que nos impuzemos de marchar em frente, através de todos os obstáculos.

Hoje temos de repelir uma dessas calúnias, plenas de rancor, de ódio. Acusa-se a *Batalha* de fazer a defesa do Banco de Angola e Metrópole. Lança-se sobre nós a suspeita de nos termos vendido miseravelmente a um Banco cuja actividade se cifrava quase exclusivamente na passagem das notas falsas que o Banco de Portugal encontrou a casa Waterlow & Sons, iludida na sua boa fé, fabricou.

A *Batalha* não precisava defender-se desta mentira odiosa com que pretendem descrever-lhe. Três causas bastariam para desfazer a atoarda infíqua: a nossa recta e intratigante conduta, de sete anos de existência; a inconsistência da acusação feita sem provas esclarecedoras e, por fim, o ataque, o desprezo com que temos tratado o Angola e Metrópole, que são o ataque e o desprezo que arremessamos sobre toda a alta finança.

A *Batalha* não se vende, nem se vende. Órgão do proletariado revolucionário, inspira-se na vontade e nas aspirações do Conselho Confederal coordenador de toda ação operária do país. A vontade individual dum homem, dum director que orienta ou dum redactor que escreve, harmoniza-se com a vontade da grande massa proletária do país, que pretende ser livre e viver em desafogo. Não há possibilidade de comprar *A Batalha*, porta-voz dum multíndio, porque não há dinheiro que chegue para comprar a multidão.

As opiniões e as campanhas de *A Batalha* são controladas pelo Conselho Confederal, que influe directamente na sua orientação por intermédio do seu delegado neste jornal, que é o seu director. Por sua vez o Conselho Confederal, constituído por de-

legados de todos os organismos pode ser substituído, renovado, censurado, impelido pelas massas agrupadas nos organismos sindicais que representam. Não há, assim, possibilidade de se comprar *A Batalha* porque o operariado que ela defende não o consentiria.

A prova de que a nossa orientação neste combate excepcional que travamos agrada absolutamente ao povo trabalhador está nas manifestações de aplauso, de incentivo para que o mantenhamos e lhe reforcemos, se for possível, a energia que a toda a hora verificamos. Uma atoarda, uma calúnia, lançadas assim no intuito de provocar no seio do proletariado a desconfiança e a desorientação, não surtem aos nossos inimigos o efeito que desejam.

Os intuições dos nossos adversários, bastante numerosos, são bem claros, por mais que pretendam disfarçá-los. Pretendem-se com uma calúnia vil diminuir-nos o prestígio que orgulhosamente confessamos possuir, para desautorizar, desvalorizar a campanha da *Batalha* e salvar os cabecilhos políticos e financeiros da grande burla das notas de quinhentos escudos.

Enquanto a grande imprensa, como *O Século*, que tem estado e está ao serviço dos interesses mais baixos e reles, se limita a atacar apenas certas pessoas que lhe convém instilar para livremente caminharem certos negócios torpes — *A Batalha* ataca de frente, com lealdade todos os crimes, apontando de preferência os grandes criminosos que se escapam sempre, que se acolhem cobardemente à sombra da lei infia que, se a lei não lhes basta, à sombra da força social de que dispõem para esmagar os fracos e os bons.

Neste caso das notas falsas *A Batalha* não colaborou na táctica infame da grande imprensa. Não se limitou a acusar de falsários Alves dos Reis e José Bandeira — foi mais longe, agarrou pelas orelhas os grandes que orientaram a burla, segurou-os bem

e trouxe-os à luz do dia para que a opinião pública os conhecesse. Não nos limitámos a mostrar Nuno Simões como homem nefasto, provámos que tão nefastos como él eram os que o atacavam em nome do Ultramarino e do Burnay dos tabacos. E' por isso que os nossos adversários torcem o sentido da nossa campanha e nos acusam de defender os burlões do Angola e Metrópole.

Não, não defendemos os burlões do Angola e Metrópole que outros burlões maiores para se salvarem atiram agora às feras. Atacam também os do Banco de Portugal, os do Banco Ultramarino, os da casa Fonseca, Santos & Viana, os da casa Pinto, que vendia marcos que não possuía, os do Português e Brasileiro que ainda tem em seu poder as libras que furto ao Estado, os do estorilado Banco Colonial, que queriam pagar com desvalorizadas libras da África do Sul as boas libras que o Estado indevidamente lhe emprestou, o Alfredo da Silva que pretende assombar-se só para si o negócio das oleaginosas, os da casa Burnay que querem arruinar o país na questão dos tabacos. Atacam-los todos, todos, absolutamente todos.

Por esta razão, apenas a imprensa avançada que hoje defende o Ultramarino, e ontem defendia a Moagem, que hoje defende o Alfredo da Silva que tem interesses contrários aos da Companhia do Amboim — a imprensa porca, abandonada, cujas opiniões se paupera pelo número de notícias de Banco que lhe passam para as mãos, nos acusa de fazer-nos a defesa dos homens do Angola e Metrópole.

Serena mente repelimos a afronta. Temos as mãos limpas e a consciência tranquila. A calúnia não nos impedirá de marchar a dedo, a todos os ladrões e falsários. A nossa voz que proclama a verdade subirá mais alto, ouvir-se-há mais distinta que a voz rouquena dos bandidos que nos caluniam porque nos receiam, que nos caluniam porque sabem que é nas nossas palavras que os nossos próprios adversários veem procurar beber sofregamente opiniões sinceras e de confiança.

O «EMBOSCADO»

Pereira da Rosa acusa a C. G. T. e o operariado de estarem vendidos ao Banco de Angola e Metrópole

Pelo nosso passado e pelo meio em que temos vivido não podemos ignorar a existência dum militante operário, por mais obscura que seja a sua acção no movimento operário. Acontece, porém, que não conhecemos, nem ao menos de nome, um antigo militante operário chamado Rodrigues Mendes que tem um passado de lutas e de sacrifícios na organização operária e que assina uma carta, no *Seculo* de ontem, atacando-nos deslealmente e reeditando contra nós calúnias já velhas, há muito caídas em descrédito. Procurámos entre todos os nossos camaradas do movimento operário, alguns dos quais militam nela há 20, há 30 e até 40 anos quem seria este sacrificado, este esforçado, este mártir que a si mesmo afirma chamar-se Rodrigues Mendes. E de todos ouvimos, invariavelmente, a mesma resposta: que não conheciam ninguém com este nome ou com qualquer outro que de longe ou de perto com ele se confundisse. Fácil nos foi chegar à conclusão, que de resto desde o primeiro minuto possuímos, que o tal Rodrigues Mendes era João Pereira da Rosa em buscado num pseudônimo e fazendo acusações mascaradas de militante operário. E mau grado as calúnias com que éramos atingidos, rejugámos. Rejubilámos porque nunca usámos de processos traigoiros, excessivamente cobardes para atacar alguém, como o faz o jornal em que João Pereira da Rosa, com o seu feitio atrabilírio, impulsivo, é o posso, quer e mando, reduzindo esse ridículo e caricato Trindade Coelho às proporções dum fantoche manejável pelo dinheiro que as «fórcas vivas» possuem.

Notas & Comentários

Livros novos

O sr. Emanuel Ribeiro, conhecido escritor português, acaba de publicar um curioso livro de investigação, intitulado *Aguia Fresca (apontamentos sobre a olaria nacional)*. É profusamente ilustrado e escrito numa linguagem elegante e inspirado num grande ideal de beleza e arte.

Competência

Ora vejam lá os leitores se compreendem para que andam estes homens a estudar leis e a trepar de posto na magistratura. Para que será? Para dizerem cavalações e confessarem que as atraigam.

O dr. Alves Ferreira falava ontem assim ao Diário de Lisboa:

«Eu só mando levantar a incomunicabilidade aos presos, depois de terem terminado todas as investigações. Sei que me acusam de ter saltado por cima dum lei que não permite ter alguém incomunicável durante mais de 48 horas; mas a verdade é que essa lei não foi feita para casos destas gravidades, que nem sequer foram previstos.

Compreende-se agora que este ilustre juizista permitisse, sem um protesto, que lhe pusessem o nome num parecer. Do Conselho Fiscal do Banco de Seguros, que ficou assinado só por dois membros, o que é contra a lei.

E é aquito a nata da magistratura portuguesa...

O frete

Ainda ao Diário de Lisboa confidenciou o sr. Alves Ferreira:

«Sabe que há quem me acuse de andar a fazer um frete ao sr. António Maria? Ora! Ora! Eu a fazer um frete a um homem que não conheço. A primeira vez que o vi foi quando ele me convidou a tomar conta desse lugar.

O dr. Alves Ferreira não faz fretes a desconhecidos. Acaso os moços de fretes conhecem todos os seus fregueses?

Um “bluff” da polícia para concitar contra os presos sociais a irritação pública

Parece que o estourar de novas bombas foi encorajado especialmente destinada a celebrar a transferência dos presos sociais para o forte de Monsanto. Nem de outra maneira se poderia compreender semelhante facto. A polícia e parte da imprensa proclamaram logo que grandes calamidades iriam surgir precisamente porque os referidos presos tinham sido arrancados das esquadras. E acrescentaram que com esse gesto o governo pretendeu apenas ser agraciado ao advogado que defende esses desgraçados. Estou muito grato ao governo por tal amabilidade, que não passou dum acto de tardia justiça, mas muito mais consistente me confessaria se a lei fosse cumprida na integra. Porque os presos preventivos, como disse em artigos anteriores, só em cadeias preventivas devem permanecer. E o forte de Monsanto é um cárcere destinado aos que já estão sofrendo a sentença condonatória. Em que me foi, portanto, agradável o governo que, procurando fazer ver que cumpriu a lei, tão somente mascara um acto ilegal com outra ilegalidade?

Mas o mais curioso nessas declarações é, sem dúvida, a ligação que pretendem estabelecer entre os presos, tanto os da Guiné como os de Monsanto, e as bombas que apareceram há dias ou as que possam aparecer ainda.

Para isso forjaram, sem mais demora, «novos legionários», uma nova ação da tal «Legião Vermelha» recomendando as prisões a torto e a direito. Todos os detidos passam a ser terríveis malfeitos e fizeram-lhes as piores acusações. No entanto não tardou muito que a mesma imprensa e a mesma polícia, que tão de ânimo leve falaram assim, viesssem candidamente, beatificamente, declarar-se a menor culpa todos aqueles que já haviam infamado.

E os pretendem arsenais de bombas? E os pretendem desejar de matar polícias? Isto é dum ridículo pavoroso.

Todavia eu só quero, como advogado de presos sociais, referir-me ao que mais de perto lhes interessa. Em tais condições devem os presos, tanto os da Guiné como os de Monsanto, e as bombas que apareceram há dias ou as que possam aparecer ainda.

As bombas que rebentaram, há dias, foram mandadas lançar pelos anteriormente detidos? Admitam que sim. Para que venha a polícia falar sentenciosamente como quem diz: «se os deixassem continuar nas esquadras nenhuma destas teria acontecido?»

Mas então a polícia já se permite modificar as leis (função exclusiva do Poder Legislativo) e, quando menos, já se sente sobreposta aos poderes do Estado, para lhes apontar o não cumprimento da própria lei basilar que é a Constituição? Além, claro está, de dar à prisão dos «legionários» esquadras um manifesto carácter de reféns ou de inquisição. Admitam agora o contrário ou seja a inocência completa daqueles presos, porque esta é a expressão da verdade. Que diabo lucrariam eles com os novos atentados dinâmicos? Pois não queriam a sua entrega aos tribunais competentes conforme a conseguiram, à exceção dos deportados? Então só quando conseguem vêr realizado o seu desejo, e não antes, é que incitam à ação directa? Porque e para quê?

Onde está a lógica? Seria porque os presos pretendessem espalhar o terror?

Mas para quê se a seguir ao desejo satisfacto, procuraram desde logo transitar para o Limoeiro que é a única cadeia preventiva e onde portanto é de toda a justiça que estejam? Pois não seria até um acto de

A RUINA ECONÓMICA DA ALEMANHA

Paralisação industrial, fracasso financeiro, crise de trabalho, e a fome e o desemprego afirmando a dissociação do sistema capitalista

Desde alguns meses que se vem agravando a situação económica da Alemanha. O governo absorve rapidamente os capitais conseguidos para debater a crise financeira, mas a verdade é que a crise se agrava sem remediar. Os capitalistas alemães transformaram, no tempo em que se aumentava gradualmente a circulação fiduciária, todos os seus fartsos recursos em valores reais: máquinas, ferramentaria, bens imóveis. Não souberam transacionar no meio termo que lhes permitia o célebre plano Dawes nem souberam realizar quaisquer operações que o pudesse favorecer dentro das restrições impostas pelo regime de crédito. E o resultado desta tremenda incompetência pode analisar-se nessa sinistra falência da empreitada.

A pesar da sua arrogância e da sua arrogância superioridade, os capitalistas e os governantes sentem-se incapazes de enfrentar a formidável crise que apavora a Alemanha, a qual é um dos mais flagrantes aspectos da falência económica e da inépacia social da burguesia.

Os social-democratas arranjaram um optimismo de ocasião, optimismo forçado, para que a desolação e a penúria se observassem, à sobrepor, por toda a parte. Eles não se cansam de proclamar as vantagens do plano Dawes, atribuindo-lhe a capacidade de sanear as finanças, de prosperar a indústria, de desafogar a situação do operariado, de anular a grande crise económica. Todavia, o plano Dawes garante a existência do Estado alemão na dependência do capitalismo estrangeiro, embora a custa do esforço dispensado pelo proletariado, embora sacrificando com privações todo o povo alemão.

Os socialistas arranjaram um optimismo de ocasião, optimismo forçado, para que a desolação e a penúria se observassem, à sobrepor, por toda a parte. Eles não se cansam de proclamar as vantagens do plano Dawes, atribuindo-lhe a capacidade de sanear as finanças, de prosperar a indústria, de desafogar a situação do operariado, de anular a grande crise económica.

Até há pouco tempo, a crise atingiu sómiente as indústrias mineira e metalúrgica. Desde algumas semanas, porém, a crise alastrou-se até às indústrias têxtil, do vestuário e do calçado.

Afilitivamente, os políticos querem cerrar o círculo de ferro que envolve toda a Alemanha. Contra a justa revolta do povo, aparece o dr. Gessler a proclamar a necessidade de uma ditadura militar, como se isso pudesse ser a suprema salvação e não fosse lógicamente a geradora de maiores e mais irreprimíveis revoltas.

Mais sacrifícios vão ser exigidos brutalmente à classe operária. Contudo, a crise atinge a classe capitalista. O horário de trabalho foi prolongado, reduzidos os salários e agravados os impostos. O custo da vida é mais elevado do que nunca, havendo lutas que seguem já um regime alimentar desfalcado.

As fábricas de minas e de aço têm sido desalojadas pela onda de lama que é o negócio do Banco de Angola e Metrópole, atacadas a cavalaria de bandidos e de ladrões que é o Banco de Portugal; e ainda o gesto altaneiro de solidariedade que o corpo redatorial de *A Batalha* manifestou para com o seu director — resolve: saída *A Batalha* pela campanha sustentada contra a cárula democrática e reaccionária que pretende esmagar os falsários e verdadeiros homens da «vermelha legião» que são os «inocentes» e quejados; assim como manifestar a sua inteira e incondicional solidariedade ao camarada Santos Arranha e a todo o corpo redatorial.

A Juventude Sindicalista do Pórtico recebeu a seguinte carta que passamos a transcrever:

“Presados camaradas: A Juventude Sindicalista do Pórtico ao tomar conhecimento do gesto ousado do director do *Seculo* em pretender que *A Batalha* se retrate a correria, para o referido jornal a solidariedade ao corpo redatorial de *A Batalha*.

“Reputar a moral que o referido jornal a solidariedade ao corpo redatorial de *A Batalha* manifestou para com o seu director — resolve: saída *A Batalha* pela campanha sustentada contra a cárula democrática e reaccionária que pretende esmagar os falsários e verdadeiros homens da «vermelha legião» que são os «inocentes» e quejados; assim como manifestar a sua inteira e incondicional solidariedade ao camarada Santos Arranha e a todo o corpo redatorial.”

Adolfo de Freitas, Mário Ferreira, Fernando Barros, Joaquim Augusto Paiva, Fábio Lílio, Elísio Almeida, Eça de Mira, Lúcio F. da Silva, Manuel Inácio Luis, António Inácio Martins, Ernesto Ribeiro, Abílio Augusto Belchior, Margarida Barros, Maria Júlia Almeida, Alvaro de Oliveira, Aníbal António Ferrão, Mannel Particílio, António Teixeira, Alexandre Lojo, Serafim C. Lucena, João Timóteo, João António da Costa, Francisco de Sousa Canavarras, Manuel Lopes Cardoso Etaro, Dionísio Gomes, Virgínia Teixeira Dantas, Aníbal Dantas, Felisberto Barros, Artur Palet, Júlio Felisberto Ramalheira, Domingos José Barbosa, João Valente, Alberto de Castro, Vas Ossório, Zacarias Lucas, João Lázaro e José Baptista Rodrigues Frias.”

Do operário António de Almeida recebeu uma extensa carta que a falta de espaço nos inibi publicar em que saída efusivamente, pela atitude assumida, o nosso camarada Santos Arranha,

Também Arnaldo Januário, de Coimbra, nos escreveu uma carta no mesmo teor.

Mário MONTEIRO Advogado

Como os «inocentes» proliferam

BELGRADO, 12.—Em Bielefeld foi descoverta uma fábrica de notas falsas de cinco libras, que em Berlim foram postas em circulação.

<h3

HOJE - Teatro de São Carlos - HOJE
A interessante e espírito rítmico comédia OS HOMENS DE HOJE
 Sob a direção da eminente professora LUCINDA SIMÕES
 Nos principais papéis: Lucília Simões, Erico Braga e Samuel Dinis

Conferência Inter-sindical do Porto

Encerrou ontem os seus trabalhos, tendo aprovado algumas teses de grande valor social

PORTO, 12.—Joaquim do Carmo, pela comissão organizadora, leu a tese «A actual situação dos trabalhadores e a ação da futura Câmara Sindical do Trabalho—A falta de habitação—A crise de trabalho—O horário de trabalho—A baixa de salários». Esta tese termina por formular diversas perguntas sobre qual a tática que a Câmara Sindical do Trabalho deve adoptar para cada um dos especificados problemas.

Os delegados dos gráficos submetem a conferência, que unanimemente aprova, o seguinte documento:

«Em consequência da complexidade da tese não permitir que nesta conferência se faça o estudo necessário, os delegados gráficos propõem que a citada tese baixe a um estudo mais circunscrito da Câmara Sindical.

A 3.ª sessão é presidida por António Teixeira, secretariado por Adolfo de Freitas e Manuel Claro. A primeira tese desta sessão era a que se referia à necessidade de um órgão operário no norte. Por lapso, porém, já nos referimos a ela fora da sua ordem cronológica.

João Lazar leu a tese «A organização operária perante as Juventudes Sindicalistas», cujas conclusões são:

1.º Que a C. S. T. dê cumprimento às resoluções aprovadas nos congressos operários da Covilhã e Santarém, no que diz respeito à solidariedade a prestar à Juventude Sindicalista;

2.º Que a Juventude seja convidada a fazer-se representar em todas as festas e sessões de propaganda e protesto que se efectuem nos sindicatos;

3.º Que os delegados em missão de propaganda abordem o assunto juvenil;

4.º Auxiliar a juventude local com uma percentagem de 2% por cada sindicato, destinada à compra de livros e desenvolvimento da escola de militantes;

5.º Que esta percentagem fique depositada na C. S. T., a quando da compra dos selos confederados, que se dará trimestralmente, entregue ao Núcleo da Juventude Sindicalista;

6.º Que a C. S. T. proceda de igual modo para com os organismos colectados.

Após alguma discussão entre vários conferencistas, prestando Manuel Joaquim de Sousa diversos esclarecimentos necessários é aprovada esta moção-proposta dos delegados juvenis Ernesto Ribeiro e Mário Ferreira:

«Considerando que o n.º 4.º da tese «A organização operária perante as juventudes sindicalistas» coloca estas numa situação deprecitativa e até antagônica com o espírito revolucionário que a anima;

Considerando que não é lógico que sejam os organismos operários, que albergam no seu seio várias tendências sociais, quem subsidie as J. S., que têm um fim ideológico a orientá-las;

Considerando que as J. S. são demasiado ciosas de si para aceitar espórtulas estabelecidas em que as colocam na situação de dependentes; a C. I. S. do Porto resolve, depois de ouvir a exposição dos delegados da Juventude Sindicalista, o seguinte: substituir esse número por estouros apenas;

A Câmara Sindical do Trabalho do Porto, atendendo ao fim para que as J. S. foram criadas, considerando-as forçadas da luta social que ora se travava, todas as vezes que J. S. se encontram inibidas de, materialmente, desenvolver a sua propaganda entre a mocidade trabalhadora, e todas as vezes que por elas seja solicitado—prestar-lhes-há todo o auxílio de que carecam e seja possível, fazendo lembrar a todos os sindicatos a conveniência de prestarem, dentro das suas possibilidades, toda a solidariedade moral e material que as J. S. necessitem para desempenhar a sua missão.

O n.º 5 fica, portanto, prejudicado, e o n.º 1 a 3 na devida consideração.

Segue-se a tese—«A ação da organização sindical perante as perseguições do patronato e do Estado»—de que é relator António Alves Pereira, que a leu.

Este trabalho, que consubstancia uma síntese histórico-teórica das lutas e evolução das camadas proletarianas, termina por estes termos:

«Que fazer, pois, nesta conjuntura? Que meios de ação devemos empregar, para arrancar das garras dos verdugos as vítimas que elas procuram imolar à sua soberba? Pouca coisa, como vamos ver:

1) Solidariedade moral e material para com as vítimas, de modo que elas não sucumbam aos horrores da fome ou da miséria;

2) Solidariedade na ação revolucionária ou insurreccional, no sentido de se conseguir a libertação, daquelas que o patronato apontou como agitadores, e que o Estado encarou a pretexto de garantir a «ordem»;

3) Entendimento entre todos os explorados, isto é, entre todos os operários, para esta ação, por intermédio do organismo central—a C. G. T.—ou dos organismos locais—as U. S. O. ou Camaras Sindicais de Trabalhos;

4) Organizações de Comitês especiais, momentâneos, para agitarem a opinião pública e as massas trabalhadoras, a fim de conseguirem, por actos de força, que as perseguições do patronato e do Estado não atinjam o seu objectivo—a eliminação dos operários estudiosos, energéticos, activos e orientadores dos seus irmãos, que uma educação viciosa, má, falsa, ainda prende aos preconceitos e às anomalias da sociedade capitalista e estatal.»

Aprovada a tese em princípio, fica, no entanto, resolvida que ela baixe à C. S. T. para um melhor estudo sobre a praticabilidade das suas conclusões.

Inácio Luis, atendendo aos ensinamentos da tese, propõe para que ela seja editada Adolfo de Freitas, porém, alvitra, sendo aprovado, para que, a exemplo do que se resolveu em Santarém, sejam compilados em volume todos os trabalhos da Conferência—para estudo dos vindouros sobre a história do movimento operário.

A comissão organizadora propõe a seguinte comissão administrativa da Câmara Sindical do Trabalho:

Marcelino Pedro, secretário geral; Fernando Barros, secretário adjunto; Filinto de Almeida e Abílio Augusto, respectivamente secretários administrativo e arquivista; tesoureiro

Aprovadas, por unanimidade, as nomeações, todos os nomeados fizeram uso da palavra, manifestando a sua dedicação pela organização operária.

Aprova-se também, com uma salva de palmas, uma moção de A. Freitas, pela qual a Conferência faz votos para que, no mais curto espaço de tempo, sejam nomeadas as outras comissões respectivas da C. S. T.

A Conferência discutiu entusiasticamente o relatório da Comissão de Pareceres

A seguir, é apreciado o relatório da Comissão de Pareceres sobre o relatório e propostas da Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores. Segundo o parecer, «os mapas da receita e despesa encontram-se em boa ordem», pelo que a Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores fica incumbida de entregar, à futura C. S. T., todos os originais das mesmas contas, para que qualquer interessado as possa verificar a todo o tempo que desejar. No que respeita à quantia de 4.500\$00 que a Comissão Pró-Casa emprestou à U. S. O., a quando da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, «é certo que é de parecer que esse empréstimo deve subsistir, ficando a futura C. S. T. com o débito a seu cargo para o entregar, no mais curto prazo de tempo, a uma nova comissão que de futuro se venha a constituir para o mesmo fim».

Quanto à proposta da Comissão Pró-Casa, pela qual a quantia de 358\$00 deve ser distribuída pelos presos por questões sociais e pelas escolas do Sindicato da Construção Civil e do Centro Comunitário Libertário; e a quantia de 125\$00, proveniente da venda das acções a indivíduos a quem a obra da Casa dos Trabalhadores lhes era simpática, deve ser restituída a esses mesmos indivíduos — o parecer preconiza que aquelas quantias não devem ser desviadas para outros fins, mas sim entregar ao futuro tesoureiro da C. S. T., as quais deverão depois passar a qualquer Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores que se venha a constituir.

O antigo tesoureiro da demissionária Casa dos Trabalhadores, Lourenço Peixoto, discorda do parecer no tocante à quantia dos 125\$00, declarando-não o acatar, visto que quer satisfazer os compromissos contraídos com aqueles que, por intervenção individual, por amizade pessoal, comparam, sem ser operários, as acções que correspondem aos 125\$00.

Igual teoria defendem outros membros da Comissão Pró-Casa, estabelecendo-se animadas discussões, que termina pela aprovação, a requerimento de Alberto Castro, de um documento de Aníbal Dantas, «para que o saldo em poder da Comissão seja entregue ao tesoureiro da Câmara Sindical, conviadando esta os portadores de acções que desejem, no prazo de 15 dias, receber-las, a apresentarem-se na sua sede—salvo o que a Conferência marcou uma nova fase de progresso para a organização operária local.

Quos factos futuros não desmentam esta óptima impressão, é o que todos nós devemos desejar, trabalhando com dedicação e acerto. —C.

Os “inocêncios” internacionais

Os círculos oficiais muito reservados...

BELGRADO, 12.—Os círculos oficiais mostram-se muito reservados sobre o escândalo das notas falsas, cuja fábrica foi descoberta na Alemanha, aguardando todos os elementos do respectivo inquérito.

...enquanto a polícia vai efectuando prisões em Budapeste

BUDAPESTE, 12.—Continuam a realizar-se prisões sensacionais de implicados na falsificação de notas do Banco de Portugal. A polícia procedeu a uma rigorosa busca no palácio do príncipe Alberto, pretendente ao trono da Hungria. Nas esferas oficiais temem-se

que as respectivas quantias revertemem em benefício da construção da Casa dos Trabalhadores.

A Comissão Organizadora, terminada a ordem dos trabalhos, saída o Sindicato Único da Construção Civil, agradecendo a cedência da sua sede para a efectivação da Conferência.

Mário Ferreira, em nome das juventudes sindicalistas, pronuncia um incisivo discurso, enfatizando o valor da conferência e salientando a necessidade do robustecimento da organização operária e revolucionária que há de derrubar o capitalismo e o Estado.

Manuel Joaquim de Sousa declara-se satisfeito—e, positivamente, a C. G. T., também se há de sentir—pela forma como os trabalhos decorreram. Alongando-se em considerações interessantes, faz um esforço histórico sobre as lutas do passado entre o

Ler a revista gráfica RENOVACAO

TEATRO MARIA VITÓRIA

TELEF. N. 3644

DUAS SESSÕES AS 8 1/2 E 10 1/2

EXITO CADA VEZ MAIOR

A peça vitoriosa

A revista triunfante

O sucesso do dia

FOOT-BALL

Os formidáveis êxitos

AS ROSAS

O número da moda por

LINA DEMOEL

O CARACOLINHO

Brilhante criação de

HORTENSE LUZ

Desopilante rábula de

Carlos Leal e Alfredo Ruas

O JOFCA

Notável interpretação de SANTOS CARVALHO

ENCHENTES CONSECUTIVAS

TEATRO APOLLO

O mais brilhante espectáculo com o drama

A TABERNA

HOJE

HOJE

Novo desastre de aviação

No campo de Alverca caiu o «Avro» 28, morrendo os seus dois tripulantes.

No campo de aviação de Alverca, ontem de manhã, o «Avro» 28, aparelho de escola, tripulado pelos aviadores capitão Júlio Aurélio Botelho de Castro e Silva e tenente Artur Pedro Ferreira de Brito, fez várias evoluções nas cercanias. Quando, porém, tentava fazer um novo vôo, o aparelho perdeu a velocidade e caiu da altura de uns 50 metros, despedaçando-se. Os seus tripulantes ficaram gravemente feridos na cabeça e com várias lesões internas.

Em quanto os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde, sendo pouco tempo depois o seu corpo também transportado num auto da Cruz Vermelha para o mesmo Centro onde se encontrava o seu infeliz camarada.

Os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde, sendo pouco tempo depois o seu corpo também transportado num auto da Cruz Vermelha para o mesmo Centro onde se encontrava o seu infeliz camarada.

Os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde, sendo pouco tempo depois o seu corpo também transportado num auto da Cruz Vermelha para o mesmo Centro onde se encontrava o seu infeliz camarada.

Os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde, sendo pouco tempo depois o seu corpo também transportado num auto da Cruz Vermelha para o mesmo Centro onde se encontrava o seu infeliz camarada.

Os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde, sendo pouco tempo depois o seu corpo também transportado num auto da Cruz Vermelha para o mesmo Centro onde se encontrava o seu infeliz camarada.

Os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde, sendo pouco tempo depois o seu corpo também transportado num auto da Cruz Vermelha para o mesmo Centro onde se encontrava o seu infeliz camarada.

Os feridos eram socorridos no pôsto daquele campo foram pedidos socorros para a Cruz Vermelha, de onde saíram os auto-mácas n.ºs 3 e 8 respectivamente guiados pelos «chauffeurs» Ferreira e Mendonça, que conduziram os feridos ao Hospital de São José, em cujo Banco se encontravam de serviço os drs. Amando Pinto, Fernando de Lacerda e Henrique Bastos, filho. O tenente Ferreira Brito chegou ali já morto, sendo depois deverificado o óbito, transportado no mesmo auto da Cruz Vermelha para a sede do Centro Aeronáutico Militar e recolhido o capitão Castro e Silva, à base de observações, onde faleceu pelas 4 horas da tarde,

AGENDA

CALENDARIO DE JANEIRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	5	12	19	26	Aparece às 7,54
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 17,36
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	29	L.M. dia 14 às 2,1
S.	9	16	23	30	L.M. 24 às 10,5
D.	10	17	24	31	Q.C. 20 às 11,8

MARES DE HOJE

Praia das 1,52 e às 2,17
Baixamar às 7,22 e às 7,47

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid, cheque	2978	
Paris, cheque	76	
Suica	3580	
Bruxelas cheque	89	
New-York	19560	
Amsterdam	7590	
Italia, cheque	79	
Brasil	295	
Praga	558	
Suécia, cheque	526	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4568	

ESPECTACULOS

TEATROS

Sto Carlos.—A's 21,30—Os Homens de Hoje.
Palmeira—A's 21,30—A Tentação.
Cinéma—A's 21,15—Tin Andreza.
Ipólo—A's 21,15—A Taberna.
Brenhó—A's 21,15—O Pão de Ló.
Een—As 20,45 e 22,45—Funguá.
M. Ator Fútor—A's 20,20 e 22,30—Foot-Balls.
Coliseu—A's 21—Grande companhia de circo.
Salto Top—A's 9,45—O Pirolos Animato Teatro e Variades.
Cinema El Vicente (à Graça)—Espectáculos às 3,45.
5,45, sábados e domingos com matinées.
Irenó Lurte—Todas as noites. Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Ter-
rasse—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—
Tortoise—Cine Paris.

LINHAS NACIONAIS

UNIÃO	20.000 tesouras fe- chadas e canivetes Selos p. 1000 francos de arigo alemão. Preço 10 por 900. Remem- tante-se amostras e pedidos, o que garantimos, à cor- reção do correio.
S. M. SERETO	R. Rua do Bandeira, 159—LISBOA

CONSELHO TECNICO

IDA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as provéncias.

MARES DE HOJE

Praia das 1,52 e às 2,17
Baixamar às 7,22 e às 7,47

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid, cheque	2978	
Paris, cheque	76	
Suica	3580	
Bruxelas cheque	89	
New-York	19560	
Amsterdam	7590	
Italia, cheque	79	
Brasil	295	
Praga	558	
Suécia, cheque	526	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4568	

Telephone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2º

Guerra aos parasitas

“ÁTILA”

O melhor produto para a limpeza da cabeça e higiene do corpo.

Resultado rápido e eficaz na extinção dos parasitas.

Frasco — 2\$50

A venda nas boas casas.

Depostórios em Lisboa:

Drogaria J. Pimenta, Rua do Alecrim, 84.

Drogaria Viúva Simões & Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 236.

Drogaria Ribeiro & Branco, Rua Silva e Albuquerque, 75.

Por \$1000 réis

20.000 tesouras fechadas e canivetes Selos p. 1000 francos de arigo alemão. Preço 10 por 900. Remem-
tante-se amostras e pedidos, o que garantimos, à cor-
reção do correio.

S. M. SERETO

R. Rua do Bandeira, 159—LISBOA

SERVIÇO DE LIVRARIA de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mitríme, tradução de Sam. Meyer. 1 volume de 56 páginas.

\$600

Traduzido do original polaco de Nierojevski por B. Kuhí, com um prefácio de Antoni Gradowski, 1 volume.

\$500

Selos de propaganda esperanto.

Muito artísticos, a oito cores e oito motivos, os nossos principais monumentos, nítidamente impressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhof e com legenda Solo em português e esperanto... de Fluto.

\$25

Monólogo de Paul Blaibaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas.

\$50

Stranga Heredaja Mais um original de Layken, o velho autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconselhado pela crítica, 1 volume.

\$175

Vade Meum de Intermedia Farmacia Por C. Rousseau, 1 volume de 283 páginas.

\$175

Vitral Fabelo De diversos autores, recomendado pela Esperanto Literatura Asocio

\$500

Vangrapo Comédia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. S. 1 volume de 52 páginas.

\$400

Vivo de Zamenhof A vida do autor da língua, com celestes gravuras, edição de luxo, 1 volume de 109 páginas.

\$1700

Voyage Interne de Mia Cambo Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer, 1 volume.

\$3000

Vortaro Kabe Espêndido dicionário, só em Esperanto, mas compreensível e remediano a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Krestomatio, curso elemental e Bildatubuijo, faz parte da primeira bagagem do principiante, 1 volume encadernado.

\$400

Pedidos à administração de A BATALHA.

A sair por estes dias a 9.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO PVO

\$1200

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$300.

A obra mais barata que no gênero se publica

Lede o Suplemento de "A Batalha"

12\$00

Lede o Suplemento de "A BATALHA"

26351

Lede o Suplemento de "A BATALHA"

4300

Lede o Suplemento de "A BATALHA"

12\$00

Lede o Suplemento de "A B

A BATALHA

Decorreram com grande entusiasmo as sessões da Conferência Inter-sindical do Porto que ontem encerrou os seus trabalhos

A GREVE DOS FERROVIÁRIOS DE LOURENÇO MARQUES

O que diz a imprensa conservadora da província—Os caprichos do Alto Comissário não serão cobertos com 100.000 libras—As deportações dos 10 ferroviários que chegam no sábado a Lisboa, combatidas por toda a população

O Alto Comissário de Moçambique, merece duma política vaga e dos seus sucessivos erros de administração pública, conseguiu em menos de dois anos desagradar completamente à parte sá da população, aquela parte que trabalha e que enriquece a vasta província.

Especialmente depois de proclamada a greve dos ferroviários a política daquele funcionário tem sido simplesmente desastrosa, tem sido únicamente ruinosa para a província. Desses desastres, dessa ruina falam melhor do que nós os jornais que se publicam em Lourenço Marques, numa linguagem clara que só não é compreendida pelo Alto Comissário e por toda a sua co-mitiva. Vamos resigar de dois desses jornais o pensamento da população de Moçambique acerca da obra do seu Alto Comissário. O primeiro respiro é feito do jornal *O Direito*, duma "Carta Aberta ao Alto Comissário" e constitui de per si um libelo contra as deportações dos 10 ferroviários que devem chegar a Lisboa no próximo sábado:

"De nada serviu a carta que publicámos, dirigida a V. Ex.^a!

Na nada serviu, porque a situação se agravou!

E como podia deixar de ser, quando, em vez de um gesto generoso por parte das autoridades, se deportaram dez homens, ficando as famílias, para aí, à mercê da cidadade pública?

Mas essa gente foi deportada porque?

Não sabemos, nem quisquer razões ou motivos que se apresentem para justificar uma medida dessa natureza, podem ser aceites por alguém que preze os seus direitos de cidadão de um país livre.

Foi uma medida aconselhada sem dúvida pelos que cercam V. Ex.^a, pelos mesmos que lhe foram dizer que o movimento de protesto do comércio e das demais classes que o acompanharam, era um movimento de apoio ao governo local!

Deportações são um acto de força não justificado por nenhuma lei da República nem, neste caso, pela surda lei da necessidade. Pode servir para infundir o terror, mas cria mártires, e mártires é o maior dos erros cravar.

Apreciamos serenamente o que se passou com a questão ferroviária, vejamos se as autoridades podem aparecer ante o tribunal da consciência, puras como arminho, isentas de culpas desta situação tão desgraçada. Vejamos se as culpas estão só do lado dos homens que abandonaram o serviço e que as autoridades teimam em não considerar grevistas.

Havia necessidade de estabelecer a ordem dentro dos caminhos de ferro?

Sem dúvida!

Mas para o fazer, Ex.^a Sr., não era necessário ir ferir direitos criados, nem suprimir regalias existentes. Para se fazer economias, que necessariamente eram precisas, não se devia ir procurá-las às regalias dos pequenos, quando se graticava largamente os grandes.

Havia gente a mais, trabalhadores de que o caminho de ferro não necessitava?

Havia tanta maneira de gradualmente os ir colocando aqui e ali, não os substituindo quando deixassem o serviço, promovendo gradualmente a repatriação, enfim, mil e umas formas para conseguirem desideratum da economia.

O que se fez?

Uma reorganização que, devidamente pésada e cuidadosamente estudada, deixa claramente ver que houve intuições com os quais V. Ex.^a nada tem, porque, naturalmente, desconhecendo as minuciosidades dos serviços e ainda a política interna e dos meios de individualidades pequeninas não podia atingir os fins que visavam.

Mas mesmo que assim não fosse, mesmo que toda essa reorganização fosse isenta de macula, cortando direitos adquiridos e anulando garantias existentes, como o fazia, seria ocasião oportuna para a pôr em execução?

Assim parece-nos, que da parte da Direcção do Porto e Caminhos de Ferro não houve a necessária ponderação, a precisa previsão dos acontecimentos, nem o senso prático que todos os homens que são chamados a dirigir os negócios públicos devem ter.

Como consequência disso declarou-se a greve.

Mas os grevistas, permita-nos V. Ex.^a que os chamemos assim, com uma moderação e uma lealdade dignas de nota, em lugar de tomarem todas as provisões que um facto de tal natureza lhes aconselhava, deixaram todo o material em imediatas condições de trabalho, pronto a poder ser aproveitado por aqueles que as autoridades ferroviárias conseguissem chamar a si.

Falta de previsão?

Não, uma manifestação de lealdade, já o dissemos, quando, sem inutilizar coisa nenhuma, teriam colocado a Direcção na dura contingência de suspender todo o serviço ferroviário.

Os grevistas fugidos à dura lei militar, elas que militares não eram, espalhados pelo sertão ou escondidos como criminosos, tanto nacionais como estrangeiros?

Onde está o prestígio da raça? Que nomeação dos seus deveres tem os homens que governam?

Não; é impossível, absolutamente impossível.

Sua Ex.^a o Alto Comissário desta Província será tudo quanto queira ser, menos democrático.

Democrático na verdadeira acepção do termo, não o é quem o querer ser, mas apenas quem o pode e sabe ser.

E ter-se-a modificado para melhor a situação da Província com as violências que se têm praticado?

Não; muito ao contrário.

A greve ferroviária continua sem se prever quando terminará e qual será o seu fim. Os prejuízos por ela causados à Província, não será exagerado afirmar-se, nem com 100.000 libras serão cobertos.

Foi um acto proposto, foi um desastre accidental?

Fósses como fôsse, o que não acredita mos é que tivesse sido um atentado mandado praticar pelos dirigentes do movimento. Mas as autoridades tomam medidas de precaução, mandando seguir à frente das máquinas, ferroviários em vagões, procurando assim evitar qualquer acto de sabotagem.

Deixemos de parte o facto de se conservar essa gente em vagões descobertos, sob um sol abravador. As autoridades apresentam razões que, em parte desculpam esse acto, e nós não condenamos pelo prazer de condenciar.

Mas as prisões começaram e depois de um conflito e da troca de tiros entre a polícia e um grupo de grevistas, jaz-sa uma verdadeira caça aos ferroviários, estando presos, ao que nos dizem, mais de duzentos homens.

Mas, ao menos, V. Ex.^a reconhecendo a razão que nos assiste em protestar, pese na sua própria consciência o que se passou e apresse-se a solucionar um problema que se arrasta, mas pela intrânsigência dos homens que o cercam, do que, piamente cremos, pelo próprio desejo de V. Ex.^a.

Os ferroviários não podem aproximar-se de V. Ex.^a ameaçados como estão de serem presos. Não podem reunir, não podem discutir a situação, não podem transmitir uns aos outros, a não ser através de graves perigos, a sua forma de pensar.

O governo demonstrou ter a força, ninguém lha nega, todos o reconhecem.

Não há portanto quebra de prestígio em chamar ao campo da discussão esses homens, dando-lhes, ao menos parte das regalias que lhes arrancaram.

Nem fica final a V. Ex.^a faze-lo, nem se descreve o princípio da autoridade tão ciosamente defendido, em estender a mão àqueles que nesse momento de protesto, humano, muito humano, recusaram aceitar uma reorganização que lhes cerceava direitos.

A obra do Alto Comissário vivamente combatida por um jornal conservador

Não se vê supor que são apenas os jornais da greve que defendem os ferroviários, que são eles os únicos que neste momento erguem os seus protestos contra o Alto Comissário. O Jornal do Comércio, órgão dos interesses comerciais e industriais da província de Moçambique, e por esse motivo insuspeitíssimo, não é menos eloquente no seu ataque à obra anti-democrática do sr. Azevedo Coutinho. No seu número de 18 de Dezembro, publica em editorial, sob a epígrafe «Em pugna com o democrático», um interessante artigo, que com a devida vênia passamos a transcrever:

“Temos assistido na capital desta província a actos que denotam um tão grande requinte de estupidez que não nos é possível parar por mais tempo a nossa indignação e a nossa revolta. Prendem-se esmos cidadãos pacíficos e conservam-se sob prisão, sem culpa formada, mais do que o tempo que a Lei permite. Funcionários públicos de várias repartições são transferidos arbitrariamente desta cidade para vários distritos, porque meia dúzia de indivíduos sem escrúpulos, os indicam como adversários da situação. Profibrem-se comícios, exerce-se em larga escala a censura telegráfica, procurando-se até impedir a publicação de jornais adversários, prendendo os seus editores como sucedeu há pouco a *O Emancipador*. Assfixia-se nesta atmosfera de terror, parecendo haver o firme propósito de ferir todos aqueles que não concordam com o actual estado de coisas, contra ele se pronunciem. Dir-se-á estarmos sob a vigência duma refinada autocracia. E quem comete o ato?

Depois de diversos oradores se referirem ao facto da atitude condenável do procedimento dos corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho Federal defendam ali as resoluções da classe, dando toda a solidariedade à Comissão Executiva da Federação, repudiando todas as insinuações dos corpos gerentes do Sindicato da C. P., que pretendem atingir os camaradas da Comissão Executiva da Federação e a própria Federação, que a todo o transe devem defender como organismo central, tanto mais que está reconhecida a forma ardilosa e mentirosa como esses ataques têm sido feitos e que denotam o firme propósito de desorganizar os ferroviários.

Depois de diversos oradores se referirem ao facto de se terem denunciado os corpos gerentes do Sindicato da C. P. e delegado ao Conselho Federal, foi, por unanimidade, aprovada a seguinte proposta do Bernardino Xavier:

“Proponho para que os delegados do Sul e Sueste jão Conselho